

Me chamo Ana Manoela Primo dos Santos e sou indígena Karipuna, filha de Suzana Primo dos Santos da aldeia Santa Isabel no Uaçá. Atualmente eu e minha não estamos em Oiapoque, mas na cidade de Belém no estado do Pará, onde curso o Mestrado em Sociologia e Antropologia na UFPA e onde ela trabalha com a conservação da memória material e imaterial dos povos indígenas, nossos parentes, no Museu Paraense Emílio Goeldi.

A primeira vez que tive notícias do covid-19 foi em janeiro de 2020, quando estava no Oiapoque, acompanhada de minha mãe, para visitar os parentes e estudar, naquela época as informações sobre a doença chegaram até nós primeiro através dos telejornais. Todo dia se falava da covid na TV. Durante esse período, a impressão que tinha era que a doença estava malvada distante das aldeias e igualmente distante da cidade de Belém, que ela nunca chegaria a nós. Os dias, por um tempo, seguiram seu fluxo normal. Mas em março, com a confirmação da doença no Brasil e nos estados da Amazônia em que transitamos (Pará e Amapá), os territórios pelos quais costumava estar se limitaram e de repente não podíamos nem sair de casa. Antes da covid eu tinha tantos medos, mas eles se tornaram pequenos até desaparecer, meu único medo passou a ser a covid e suas consequências, pensava o tempo todo que ela poderia levar meus pais; meus parentes da aldeia e os que estão na cidade; além de outras pessoas queridas. E ela começou a levar. Desde março até julho perdemos muitas pessoas.

Em casa tivemos a doença em abril, primeiro meu pai, depois eu e por último minha mãe, meu pai foi quem ficou pior, pensei que ele fosse morrer. Já nos recuperamos, mas até hoje sei que ele sente as consequências da doença, assim como eu e ela também sentimos.

Ver os dados da COIAB e da APIB sobre os parentes que contraem o corona e vem a óbito é algo que me entristece e me angustia. É sufocante a sensação de não saber quando isto irá acabar; de que de repente um parente pode ficar em estado grave e falecer distante de seu povo e de sua cultura; de não saber quando poderemos retornar à Aldeia Santa Isabel sem o receio de levarmos a doença para lá.

Minha mãe já está idosa, minha aldeia na cidade é ela. Mas nós temos nossos parentes no estado do Amapá. Quero muito que ela possa estar com os parentes em Oiapoque, na aldeia que seus pais fundaram, em que nasceu e cresceu. Sei que ela sente muita falta de lá. Todas as noites e de manhã cedo ela olha as estrelas, procura Warukamã e pensa em Oiapoque. Esse vírus além de levar nossos antigos com suas memórias e conhecimentos, que muito ainda tinham a ensinar as crianças e jovens, também está nos separando. Adoecemos não só pela covid, mas também adoecemos pela saudade das pessoas, dos lugares, pelos medos e pelas incertezas. Ser indígena mulher na cidade é difícil e solitário, nesse momento ainda mais, mas eu e minha mãe em meio as preocupações, sempre procuramos conversar sobre como era a vida antigamente, damos força uma a outra e pedimos forças aos nossos ancestrais e aos karuãnas para que este momento passe e que mais nenhum parente sofra com a doença.

Belém, Pará, Brasil
16 de julho de 2020.

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII
#LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Je m'appelle Ana Manoela Primo dos Santos et je suis une indigène Karipuna, fille de Suzana Primo dos Santos du village Santa Isabel à Uaçá. Actuellement, la mienne et moi ne sommes pas à Oiapoque, mais dans la ville de Belém dans l'État du Pará, où je fais un Master en sociologie et anthropologie à l'UFPA et où elle travaille à la conservation de la mémoire matérielle et immatérielle des peuples autochtones, nos proches, au Musée Emílio Goeldi du Pará.

La première fois que j'ai entendu parler du Covid-19, c'était en janvier 2020, lorsque j'étais à Oiapoque, accompagné de ma mère, pour rendre visite à des proches et étudier, à ce moment-là, les informations sur la maladie nous sont parvenues en premier par le biais de l'actualité. Chaque jour, les gens parlaient de Covid à la télévision. Pendant cette période, j'ai eu l'impression que la maladie était très loin des villages et également loin de la ville de Belém, qu'elle ne nous atteindrait jamais. Les jours, pendant un certain temps, ont suivi leur cours normal. Mais en mars, avec la confirmation de la maladie au Brésil et dans les États de l'Amazonie où nous transitons (Pará et Amapá), les territoires dans lesquels j'étais auparavant étaient limités et soudain, nous ne pouvions même pas quitter la maison.

Avant la Covid, j'avais tant de peurs, mais elles sont devenues petites jusqu'à ce qu'elles disparaissent, ma seule peur est devenue la Covid et ses conséquences, je pensais tout le temps que ça pouvait prendre mes parents ; mes proches du village et ceux de la ville ; en plus d'autres proches. Et elle a commencé à prendre. De mars à juillet, nous avons perdu de nombreuses personnes.

À la maison, nous avons eu la maladie en avril, d'abord mon père, puis moi et enfin ma mère, mon père était le pire, je pensais qu'il allait mourir. Nous avons récupéré, mais même aujourd'hui, je sais qu'il ressent les conséquences de la maladie, tout comme elle et moi.

Voir les données du COIAB et de l'APIB sur des parents qui contractent le Corona et meurent c'est quelque chose qui m'attriste et m'angoisse. Le sentiment de ne pas savoir quand cela va prendre fin est étouffant ; qu'un parent peut soudain être dans un état grave et décéder loin de son peuple et de sa culture ; ne sachant pas quand nous pourrions retourner au village Santa Isabel sans crainte d'y emporter la maladie.

Ma mère est déjà vieille, mon village en ville c'est elle. Mais nous avons nos proches dans l'État d'Amapá. Je veux vraiment qu'elle puisse être avec ses proches à Oiapoque, dans le village fondé par ses parents, où elle est née et a grandi. Je sais qu'elle y manque. Chaque soir et tôt le matin, elle regarde les étoiles, cherche Warukamã et pense à Oiapoque. Ce virus, en plus de prendre nos anciens avec leurs souvenirs et leurs connaissances, qui avaient encore beaucoup à apprendre aux enfants et aux jeunes, nous sépare également. Nous tombons malades non seulement de la Covid, mais aussi du désir de voir les personnes, de lieux, de peurs et d'incertitudes. Être une femme indigène dans la ville est difficile et solitaire, en ce moment encore plus, mais ma mère et moi sommes au milieu des préoccupations, nous essayons toujours de parler de ce qu'était le village dans le passé, nous nous renforçons mutuellement et nous demandons à nos ancêtres et aux karuãnas que ce moment passe et ne laisse aucun autre parent souffrir de la maladie.

Belém, Pará, Brésil
16 Juillet 2020

Traduit par Darleine Esther Joseph

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII
#LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

I'm Ana Manoela Primo dos Santos, I am a Karipuna indigenous person, my mother's name is Suzana Primo dos Santos and we're from Santa Isabel Village, located in Uaçá, Oiapoque. We're not in Oiapoque for now, we're in Belém, Pará, where I take a Sociology and Anthropology Master's Degree at UFPA. My mother's work here is the conservation of material and immaterial memory of indigenous peoples, our relatives, at the Museum Emílio Goeldi.

It was in January 2020 when I first heard about covid-19, I was in Oiapoque then, with my mother, in order to visit relatives and study. It was when information about this virus first came to us. It was on TV headlines every single day. By that period, it seemed to me that the disease was so far from the villages and from the city of Belém, that it would never reach us. The following days passed as usual. However, the month of march brought the confirming news of Covid-19 in Brazil, the states I usually went through had closed borders (Pará and Amapá), and suddenly we couldn't even leave home.

Before covid-19 I had so many fears, but those have become small until they disappear, my only fear now was named covid-19 and its consequences, the whole time I feared it could take my parents; my relatives from my village and those in the city; in addition to other loved ones. And it did it. From March to July we lost many people.

We've had the disease in April at home, first my father, then me and eventually my mother, my father was worst one, I thought I would lose him. We've recovered, even so I know he's still fighting Covid's consequences, just like me and my mother.

The data from COIAB and APIB concerning relatives who contracted corona and died from it are saddening and anguishing. The uncertainty about when this is coming to an end is suffocating; all of a sudden, a relative can reach a critical state and pass away, for from their people and culture; and not knowing when to return to Santa Isabel Village without the concern of taking the disease there.

My mother is an old woman already, she's my whole village here in the city. But we have our relatives from Amapá. I really want her to be among her relatives in Oiapoque, in the village founded by her parents, where she was born and raised. I know she misses it there. Every night and early in the morning, she looks at the stars, looks skywards to stare at Warukamã and think about Oiapoque. This virus, in addition to taking our ancients with all their memories and knowledge, so much to teach children and young people, is also separating us. We get sick not only from covid, but also from longing for people, places, fears and uncertainties. Being an indigenous woman in the city is difficult and lonely, during this moment it's certainly even harder, but the midst of concerns, we always try to talk about the village in the past, we give strength to each other and we ask our ancestors and karuãnas for tenacity to handle this moment until it ends, and that no other relative suffer from the disease.

Belém, Pará, Brazil
July 16th, 2020.

Translated by Ydoreh Gomes Borges.

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII
#LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

Mi nombre es Ana Manoela Primo dos Santos y soy indígena Karipuna, hija de Suzana Primo dos Santos de la aldea Santa Isabel en Uaçá. Actualmente yo y mía made no estamos en Oiapoque, sino en la ciudad de Belém en el estado de Pará, donde estudio la Maestría en Sociología y Antropología en la UFPA (Universidad Federal de Pará) y donde trabajo con la conservación de la memoria material e inmaterial de los pueblos indígenas, nuestros familiares, en el Museo Emílio Goeldi.

La primera vez que escuché sobre covid-19 fue en enero de 2020, cuando estaba en Oiapoque, acompañada por mi madre, para visitar familiares y estudiar, en ese momento la información sobre la enfermedad nos llegó primero a través de las noticias. Todos los días se hablaba de Covid en la TV. Durante este período, la impresión que tuve fue que la enfermedad estaba muy lejos de los pueblos e igualmente distante de la ciudad de Belén, que nunca nos alcanzaría. Los días, por un tiempo, siguieron su flujo normal. Pero en marzo, con la confirmación de la enfermedad en Brasil y en los estados de la Amazonía en los que transitamos (Pará y Amapá), los territorios por los que solía ser limitado y de repente ni siquiera podíamos salir de casa.

Antes del Covid tenía muchos miedos, pero se hicieron pequeños hasta que desaparecieron, mi único temor resultó ser el Covid y sus consecuencias, pensé todo el tiempo que podría contaminar a mis padres; mis parientes del pueblo y los de la ciudad; además de otros seres queridos. Y empezó a expandirse. De marzo a julio perdimos a mucha gente.

En casa tuvimos la enfermedad en abril, primero mi padre, luego yo y finalmente mi madre, mi padre fue el que emperó, pensé que iba a morir. Nos hemos recuperado, pero hasta el día de hoy sé que el es consciente de las consecuencias de la enfermedad, así como mi madre y yo también sentimos.

Ver los datos de la (Coordinación de las Organizaciones Indígenas de la Amazonía Brasileña) y APIB (Articulación de Pueblos Indígenas de Brasil) sobre las personas que contraen el Coronavirus y mueren es algo que me entristece y me angustia. Es sofocante la sensación de no saber cuándo terminará esto; que de repente un pariente puede estar en estado grave y morir lejos de su pueblo y cultura; de no saber cuándo podemos regresar al pueblo de Santa Isabel con el miedo de llevar la enfermedad allí.

Mi madre ya es anciana, mi aldeia en la ciudad es ella. Pero tenemos a nuestros parientes en el estado de Amapá. Quiero mucho que ella pueda estar con sus parientes en Oiapoque, en el pueblo que fundaron sus padres, donde nació y creció. Sé que extraña mucho. Todas las noches y a primera hora de la mañana mira las estrellas, busca Warukamã y piensa en Oiapoque. Este virus además de llevar a nuestros antepasados con sus recuerdos y conocimientos, que todavía tenían para enseñar a niños y jóvenes, también nos está separando. Nos enfermamos no sólo por Covid, sino que también nos enfermamos del anhelo de personas, lugares, miedos e incertidumbres. Ser una mujer indígena en la ciudad es difícil y solitaria, en este momento aún más, pero mi madre y yo en medio de las preocupaciones, siempre tratamos de hablar de cómo era el pueblo, nos damos fuerza el uno al otro y pedimos fuerza a nuestros antepasados y a los Karuãnas para que este momento pase y que ningún otro pariente sufra la enfermedad.

Belém, Pará, Brasil, 16 de julio de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

#OPETNãPara #PetIndígena #MobilizaPET #CampusBinacional #Oiapoque #CLII
#LicenciaturaIndígena #FalaParente #vidasindigenasimportam

